



CAPÍTULO 13

CONSTRUINDO UM AMBIENTE ESCOLAR ANTIRRACISTA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO-CAMPUS BARRA DO GARÇAS

Lirian Keli dos Santos

Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Barra do Garças (IFMT) – Barra do Garças – MT – Brasil

Wéliri Vinícius Rodrigues Correa

Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Barra do Garças (IFMT) – Barra do Garças – MT – Brasil

Angelly Soares Freitas

Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Barra do Garças (IFMT) – Barra do Garças – MT – Brasil

Marcelo Pereira Duarte Filho

Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Barra do Garças (IFMT) – Barra do Garças – MT – Brasil

ABSTRACT: The research, conducted at IFMT – Barra do Garças Campus between 2022 and 2023, involved around 120 students and focused on pedagogical practices guided by Law No. 10.639/2003, aiming to value Afro-Brazilian history and culture. Through a quantitative–qualitative questionnaire applied to 126 students, the study analyzed their perceptions of racial discussions in Sociology classes. The data indicate that most students self-identify as brown (53.2%), followed by white (34.9%) and Black (8.7%). Regarding gender, cisgender students predominate, with small representations of trans and non-binary identities. Concerning the presence of racial themes in the curriculum, 45.2% consider it to be widely discussed and 50% moderately discussed; 90.5% state that they have already studied the topic, especially in the second year. Only 34.9% reported participating in antiracist activities outside the classroom. The study concludes, based on Gomes and Munanga, that decolonial and antiracist pedagogical practices are essential to combating inequalities and promoting equity. All students acknowledged the importance of the topic, reinforcing its role in critical and civic education.

RESUMO: A pesquisa, realizada no IFMT – Campus Barra do Garças entre 2022 e 2023, envolveu cerca de 120 estudantes e teve como foco práticas pedagógicas orientadas pela Lei nº 10.639/2003, visando valorizar a história e cultura afro-brasileira. Por meio de um questionário com abordagem quanti-qualitativa aplicado a 126 estudantes, analisou-se a percepção sobre as discussões raciais nas aulas de Sociologia. Os dados indicam que a maioria se autodeclara parda (53,2%), seguida de branca (34,9%) e preta (8,7%). Quanto ao gênero, predominam estudantes cisgênero, com pequenas representações de identidades trans e não binárias. Sobre a presença da temática racial, 45,2% consideram que ela é muito discutida e 50% que é discutida moderadamente; 90,5% afirmam já ter estudado o tema, sobretudo no 2º ano. Apenas 34,9% participaram de atividades antirracistas fora da sala de aula. A pesquisa conclui, apoiada em Gomes(2021) e Munanga(2017), que práticas pedagógicas decoloniais e antirracistas são essenciais para combater desigualdades e promover equidade. Todos os estudantes reconheceram a importância do tema, reforçando seu papel na formação crítica e cidadã.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge das práticas pedagógicas desenvolvidas de acordo com a Lei nº 10.639/2003, no âmbito da disciplina de Sociologia, no ambiente escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Barra do Garças, entre os anos de 2022 e 2023, realizada em quatro turmas do segundo e terceiro ano do ensino médio integrado ao técnico, nos cursos Técnico em Administração e Informática, somando cerca de 120 discentes ao longo do ano letivo.

A prática pedagógica foi embasada em aspectos teóricos e culturais para abordar de maneira sensível os elementos históricos e culturais afro-brasileiros, com o objetivo ampliar a compreensão e valorização desta temática no cotidiano escolar, estimulando a compreensão e valorização da identidade afrodescendente, combater preconceitos e contribuir para a formação cidadã das(os) discentes do IFMT-BAG.

2. METODOLOGIA

Para realizar a análise, aplicou-se um questionário estruturado, composto por perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de avaliar a percepção das(os) discentes sobre as discussões raciais desenvolvidas nas aulas de Sociologia ao final do ano letivo. Esse instrumento possibilitou identificar e mensurar as subjetividades presentes nas falas das(os) estudantes. A pesquisa, de abordagem quanti-qualitativa (Gil, 2019; Minayo, 2012; Creswell, 2010), contou com a participação de 126 discentes, cujas idades variaram, majoritariamente, entre 16 e 18 anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação à cor/raça, mais da metade dos participantes se identificou como parda (53,2%). Enquanto 34,9% se autodeclararam brancos, 8,7% pretos, 2,4% amarelos, e nenhum participante se identificou como indígena. No que tange ao gênero, a maioria se identificou como feminino cisgênero (51,6%), seguido por masculino cisgênero (46%). Houve representatividade de pessoas que se identificam como feminino trans (0,8%), não binário (0,8%) e gênero fluido (0,8%). Sobre a frequência de discussões sobre a temática racial na disciplina de Sociologia, 45,2% dos estudantes afirmaram que esse tema é “muito” discutido, enquanto 50% disseram que é “um pouco” discutido. Uma minoria apontou que o tema é “quase nada” abordado (2,4%) ou “não é discutido” (1,6%). Em relação à participação em atividades, projetos ou movimentos relacionados à luta contra o racismo, 34,9% dos estudantes indicaram que “sim”, enquanto 63,5% afirmaram “não” ter participado de tais atividades. Quando questionados se já tiveram aulas sobre questões raciais na disciplina de Sociologia, a maioria dos estudantes (90,5%) afirmou que “sim”, enquanto 9,5% disseram que “não”. Dentre aqueles que afirmaram ter tido aulas, 36,5% relataram ter estudado o tema no 2º ano, 17,5% no 1º ano, 15,9% no 1º e no 2º ano, e 8,7% apenas no 3º ano. Um grupo menor de estudantes (6,3%) relatou ter estudado a temática no 2º e 3º ano, enquanto 4% afirmaram que o tema foi abordado em todos os anos do ensino médio.

4. CONCLUSÕES

Acredito, como a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2021) e o estudioso Kabengele Munanga (2017), que é fundamental decolonizar a educação e promover a diversidade cultural como estratégias centrais no combate ao racismo e na promoção da equidade racial na sociedade. Como sustentam os autores, a educação deve ser um espaço de reconhecimento e respeito às múltiplas culturas presentes no Brasil, contribuindo para a desconstrução de discursos e práticas que perpetuam desigualdades e preconceitos raciais.

Além disso, todas(os) as(os) 126 respondentes concordaram com a importância de abordar as relações raciais no ensino de Sociologia, sem que houvesse qualquer oposição ou dúvida quanto à relevância do tema. Nesse contexto, fomentar uma prática pedagógica antirracista torna-se imprescindível para assegurar a uma educação que valorize suas identidades e contribua para a transformação social.

REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba. PUC-PR, v. 33, p. 435-454, 2021.

MINAYO, Maria de Nazaré C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da Silva; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise**, pp. 33-43. São Paulo: Perspectiva, 2017.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao **IFMT – Campus Barra do Garças** pelo apoio à realização desta pesquisa.